

## EDITORIAL

*Profa. Dra. Valéria Ornellas & Prof. Dr. Carlos Fernando S. Andrade*

Ecólogos - Pós-graduação em Ecologia da UNICAMP.

Pesquisadores do LEPAC (Lab. da Unicamp em Paraty, RJ)

A situação de degradação ambiental da era pós-moderna apela por alternativas de solução aos problemas decorrentes da ação predatória humana sobre o meio. E sabemos que diversas fontes de perturbação colocam em risco a estabilidade dos sistemas naturais. A problemática atual da questão ambiental se estabelece das relações que historicamente caracterizam a interação homem e natureza. Silva e Schramm<sup>1</sup> descrevem no cenário atual a participação dos movimentos sociais que, orientados por uma “**visão ecologizada**” de mundo, denunciam os impactos do modelo tecno-industrial poluidor, consumidor dos recursos naturais e gerador de desordem global. Reinvidica-se constantemente por mudanças do quadro social e ambiental da sociedade. “A importância atribuída à integração, às totalidades e ao holismo pavimentou o caminho para a ressacralização da natureza”, escrevem eles.

Ainda estamos longe de encontrar soluções definitivas para a crise ambiental que, é acima de tudo, uma crise de percepção. Afirma-se que os valores adotados pela sociedade estão entre as causas básicas das atividades ecologicamente predatórias que vem desfigurando os ecossistemas e as paisagens. Para Jacobi<sup>2</sup>, isso implica na “**necessidade de estimular uma participação mais ativa da sociedade no debate dos seus destinos**”. A mudança de valores sociais, que está sendo necessária, deverá partir da identificação de problemas, objetivos e soluções socialmente identificados como objeto da transformação que se quer atingir. Nesse sentido, a Universidade tem importante papel, pois já se questiona se estará ela realmente comprometida com as reais necessidades da sociedade. “**Estará a Universidade com os pés firmados no real ou flutuará no distanciamento?**”<sup>3</sup> Professores e alunos universitários, enquanto inseridos na realidade das sociedades, podem fazer grande diferença, enquanto agentes de transformação social. E essa é a idéia da disciplina BE-597, Educação Ambiental !

---

1 SILVA, E. R.; SCHRAMM, F. R. A questão ecológica: entre a Ciência e a ideologia/utopia de uma época. *Cad. Saúde Públ.*, RJ, v. 13, n. 3, pp. 355-382, 1997.

2 JACOBI, P. Educação Ambiental, cidadania e sustentabilidade. *Cadernos de Pesquisa*, n. 118, pp. 189-206, 2003.

3 VOLPI, M. T. *A Universidade e sua responsabilidade social*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

Pretende-se da BE-597 uma ferramenta de estímulo às mudanças de valores e ao aguçar das percepções. Queremos que seja uma ferramenta valiosa apesar das limitações que se enfrentam, principalmente no que se refere ao encontro de uma linguagem ou abordagem que, conforme comentado por Grün<sup>4</sup>, “***nos capacite a falar e compreender as várias dimensões da crise ecológica***”. E, mais do que isso, que nos liberte das limitações impostas pelo reducionismo cartesiano e a conseqüente concepção dualista que predominantemente tem feito o ser humano se ver como algo alheio à natureza. Precisamos de espaços que nos possibilitem pensar a Educação Ambiental, muito próximos das necessidades da sociedade e não apenas circunscritos aos gabinetes das Universidades. Tal é o valor desse espaço que se chama Educação Ambiental BE-597. Queremos uma disciplina voltada aos interesses recíprocos de acadêmicos e moradores da cidade de Paraty – RJ.

Paraty é um lugar de muitos contrastes, sendo fácil percebê-los quando se visita a cidade com olhos críticos. Ainda há muita natureza, na forma de florestas e no mar. Ao mesmo tempo, há a exaustão clandestina de recursos tanto florestais quanto marinhos, o que em geral tem relação direta com a falta de alternativa para a geração de renda familiar. Só para citar um exemplo, recentemente teve-se notícia da prisão de vários moradores da cidade acusados da apreensão de pássaros silvestres para o comércio ilegal. Todos são pessoas simples descendentes de antigos moradores que um dia viveram da terra nos seus sítios e hoje não conseguem viver da produção rural porque a competição com o mercado dos megaprodutores é muito desleal. Acabaram optando pela coleta ilegal de animais, integrando um processo social e ecologicamente bastante complexo. E, enquanto isso, nas águas da baía de Paraty, os próprios moradores reclamam do desaparecimento de algumas espécies de peixes, segundo eles causada pela pesca de arrasto ilegal e pela poluição das águas resultante dos esgotos da cidade.

Nesse volume o leitor encontra trabalhos de pesquisa de estudantes e profissionais, sobre questões tipicamente urbanas, como a limpeza e organização de casas em construção, sobre as letras de músicas voltadas à questão ambiental, e até sobre o risco de incêndios devido às instalações elétricas precárias no bairro histórico. Problemas como esses, inspiraram os alunos da Educação Ambiental a desenvolverem os trabalhos aqui expostos. Tomara que possamos de alguma forma, contribuir com a qualidade de vida dos moradores de Paraty e com a preservação ambiental da região.

---

4 GRÜN, M. *Ética e Educação Ambiental: A conexão necessária*. Campinas, SP: Papyrus, 1996.